

Literatura Infantil e temas sensíveis: a morte em *O passeio*, de Pablo Lugones, e *O guarda-chuva do vovô*, de Carolina Moreyra

Children's Literature and Sensitive Themes: death in Pablo Lugones's *O Passeio* and Carolina Moreyra's *O guarda-chuva do vovô*

Literatura infantil y temas sensibles: la muerte en *O passeio*, de Pablo Lugones, y *O guarda-chuva do vovô*, de Carolina Moreyra

Marinês Andrea Kunz¹
Universidade Federal da Paraíba, Brasil.

Resumo

A literatura, apesar de se constituir como ficção, está intimamente relacionada com a sociedade, de modo que possibilita a reflexão sobre esta, na medida em que a interpreta. Nesse sentido, no que concerne à literatura infantil, a abordagem de temas sensíveis possibilita à infância, por meio do imaginário e do simbolismo, tratar de questões por vezes dolorosas. Não raro, acredita-se que tais temas não são adequados à infância, entretanto, sabe-se que a arte literária pode se configurar como um caminho para a compreensão de temas complexos e até de experiências vivenciadas pelas crianças. Por conseguinte, este artigo visa a analisar de que forma é tratada a morte nas obras *O Passeio*, de Pablo Lugones, e *O guarda-chuva do vovô*, de Carolina Moreyra. Essa temática é abordada de forma sensível em ambos os textos, possibilitando o diálogo e a reflexão junto ao público infantil.

Palavras-chave: temas sensíveis; literatura infantil; morte; *O Passeio*; *O guarda-chuva do vovô*.

Abstract

Literature, despite being fiction, is intimately related to society, enabling reflection on it as it interprets it. In this sense, concerning children's literature, the approach to sensitive themes allows children, through imagination and symbolism, to address sometimes painful issues. It is often believed that such themes are not suitable for children; however, it is known that literary art can be a path to understanding complex

¹ Doutora em Linguística e Letras. Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8964-1573>. E-mail: mak3@academico.ufpb.br.



themes and even experiences lived by children. Consequently, this article aims to analyze how death is treated in the works “O passeio”, by Pablo Lugones, and “O guarda-chuva do vovô”, by Carolina Moreyra. This theme is approached sensitively in both texts, enabling dialogue and reflection with the child audience.

Keywords: sensitive topics; children's literature; death; O Passeio; O guarda-chuva do vovô.

Resumen

La literatura, a pesar de ser ficción, está íntimamente ligada a la sociedad, lo que permite reflexionar sobre ella al interpretarla. En este sentido, en la literatura infantil, el abordaje de temas delicados permite a los niños, mediante la imaginación y el simbolismo, explorar cuestiones a veces dolorosas. Si bien se suele creer que estos temas no son apropiados para la infancia, se sabe que el arte literario puede ser una vía para comprender temas complejos e incluso experiencias vividas por los niños. Por consiguiente, este artículo analiza cómo se trata la muerte en las obras “O Passeio”, de Pablo Lugones, y “O guarda-chuva do vovô”, de Carolina Moreyra. Este tema se aborda con sensibilidad en ambos textos, propiciando el diálogo y la reflexión con el público infantil.

Palabras-clave: temas delicados; literatura infantil; muerte; O Passeio; O guarda-chuva do vovô.

INTRODUÇÃO

“Todos nós lemos a nós mesmos e ao mundo a nossa volta para vislumbrarmos o que somos e onde estamos. Lemos para compreender ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase tanto como respirar, é uma de nossas funções vitais.”
Alberto Manguel

Ainda que se constitua como ficção, apresentando mundos possíveis de toda ordem – distópicos, com personagens do universo maravilhoso, realistas, de ficção científica etc. -, a literatura encarna o que, segundo Aristóteles (2015), poderia ter sido, sem se preocupar com a veracidade e com o aspecto empírico do narrado, afinal trata-se de uma criação, de um artifício. Ancorada na realidade, contudo, a literatura organiza, no plano ficcional da malha narrativa, o caos dos sentimentos, nomeando e renomeando fatos, dotando-os de sentido, recriando-os. Ou seja, semiotiza o que, sem ela, ficaria sem alcançar o leitor e, portanto, sem auxiliá-lo a revestir de sentido sua própria vida, o que se dá pela experiência leitora, por meio da qual ele preenche de significado as lacunas textuais, a partir de sua bagagem.

Dotando o texto de sentido, o leitor também permite que a experiência leitora o transforme, pois como diz Larossa (2011), o leitor é perpassado pelo que lê.

Nessa perspectiva, a literatura também aborda uma infinidade de temas, entre os quais encontram-se os temas sensíveis, também denominados fraturantes, pelo fato de, justamente, tocarem em questões por vezes dolorosas, dependendo da experiência de cada leitor. Obras de tal monta podem desestabilizar o leitor e trazer à tona sentimentos acerca de experiências difíceis de sua vida.

Assim, neste artigo, busca-se analisar como é engendrado o tema da morte na obra *O passeio* (2017), de Pablo Lugones, ilustrada por Alexandre Rampazo, e em *O guarda-chuva do vovô* (2012), de Carolina Moreyra, com ilustrações de Odilon Moares. Tal proposta se justifica em virtude de se tratar de literatura infantil, a qual, não raro, sofre a censura da escola, de pais e da sociedade em geral, quanto aos assuntos abordados nas obras, sendo que, nessa seara, a criança pequena é, muitas vezes, considerada, equivocadamente, ainda imatura para refletir sobre certas questões mais sensíveis.

Para tanto, será discutida a leitura literária, em especial a leitura da Literatura Infantil e sua importância junto a leitores da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Após, em se tratando de textos ilustrados, em que a imagem tem preponderância em relação ao texto verbal, a análise avança por sobre a configuração das imagens, a sequência narrativa engendrada e a relação com o verbal na composição da trama narrada, enfocando, para isso, também, as personagens e suas ações. O objetivo é, pois, analisar como o tema da morte é abordado em ambas as obras, quais mecanismos são empregados para tal e que efeitos de sentido podem ser elaborados a partir dessa organização. Por fim, far-se-á uma síntese, considerando os aspectos discutidos.

A LEITURA DA LITERATURA INFANTIL E OS TEMAS SENSÍVEIS

A leitura literária permite ao leitor o acesso a universos fictícios que engendram situações de toda ordem, por meio de uma malha narrativa repleta de lacunas, as quais devem ser por ele preenchidas. Ao fazê-lo, o receptor aciona seus conhecimentos de mundo, faz inferências, cria hipóteses e, também, ativa o plano

emocional. Isso ocorre mediante a identificação com as personagens que vivenciam as ações e modificam-se ao longo da narrativa.

Essa identificação permite ao leitor experienciar as ações narradas em um processo de empatia, de modo a vivenciar o enredo narrado pela leitura. Como diz o poema pessoano, os leitores “Na dor lida sentem bem,/ Não as duas que ele [poeta] teve,/Mas só a que eles não têm” (PESSOA, 1991, p. 79). Colocar-se no lugar do Outro é, portanto, um exercício de alteridade, que, segundo Candido (2004), pode humanizar o leitor, sensibilizando-o e educando-o para as relações humanas.

Essa experiência constitui, segundo Larrosa, o que se nos passa, ou seja, a forma como a palavra nos atravessa, afinal, “as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação” (LARROSA, 2020, p. 17), uma vez que somos seres da palavra. Em outro texto, o mesmo autor explica que a experiência consiste em vivenciar algo diferente, desconhecido e, nesse sentido,

minha leitura, é de condição reflexiva, volta para dentro, subjetiva, que me implica no que sou, que tem uma dimensão transformadora, que me faz outro do que sou. Por isso, depois da leitura, eu já não sou o mesmo de antes, já não posso olhar-me impávido no espelho. (LARROSA, 2011, p. 10)

Assim, ler literatura é colocar-se diante de um mundo possível e novo, o que implica que o leitor necessariamente se abra para tal experiência, deixando-se atravessar pelo texto literário. Não raro, em seu incursionar pelo universo narrativo, ele descobre em si emoções e sentimentos de cuja existência não suspeitava, uma vez que a ficção descobre, desvela e desnuda camadas insuspeitadas. Ocorre, pois, um processo de conhecimento de si como um outro; um outro desconhecido, escondido nos recônditos da própria subjetividade.

Reside aí um dos aspectos mais interessantes da leitura literária, na medida em que o leitor passa a se perceber sob outro ângulo. Essa perspectiva é relevante junto a leitores de todas as idades, mas, principalmente, junto a crianças da Educação Infantil e dos Anos Iniciais, pensando, aqui, na escolarização da leitura literária. No entanto, considerando-se uma leitura literária escolarizada que faça sentido para os leitores, isto é, uma leitura emancipadora do leitor.

Entende-se, portanto, o leitor dessas etapas escolares como capaz de refletir sobre sua realidade, sobre as realidades de outrem, sobre culturas distintas da sua

e, o mais importante, sobre si mesmo, a partir das leituras realizadas. Além disso, o leitor mirim precisa ser respeitado em suas particularidades e compreendido como apto a construir sentidos sobre temas sensíveis, apesar de ser, frequentemente, “protegido” dos “males do mundo”. Destaca-se o termo *protegido*, em virtude de que, ao não permitir que a criança entre em contato com temas difíceis – separação, morte, abuso, suicídio etc. –, ocorre justamente o efeito contrário, ou seja, ao querer resguardá-la do enfrentamento de tais assuntos, o adulto sonega-lhe a possibilidade de experienciar pela leitura e de deixar-se afetar pela narrativa, a qual lhe permite modificar-se, conhecer-se.

Ademais, é preciso lembrar que, por vezes, é pela leitura do texto literário que a criança pode dar-se conta e, também, expressar o que lhe ocorre fora do contexto escolar. Sobre isso, Colomer (2007, p. 61) afirma que “É através dessa experiência tão particular de sonhar-se a si mesmo que se dá ao leitor um instrumento poderoso de construção pessoal e uma completa dimensão educativa sobre os sentimentos e ações humanas”.

Nessa perspectiva, a leitura compartilhada, a conversa sobre o que foi lido é fundamental nessas fases escolares, pois o diálogo sobre a obra consiste na expressão dos entendimentos da criança. Em um ato democrático e de liberdade, ela pode, então, compartilhar suas percepções e, por que não, as emoções sentidas, vivenciadas por intermédio da leitura. E compartilhando, também recebe o que os outros leitores desvendam, em um processo de fruição e de reflexão em conjunto. “É como escrever a leitura ‘em voz alta’ e como se outros a vivenciassem como parte do texto que nossas cabeças criam quando leem” (BAJOUR, 2012, p. 22).

Cabe, também, ao professor, como mediador e responsável pelas atividades de leitura, a escuta sensível, no sentido de que, nesses momentos de compartilhamento ou em atividades decorrentes da leitura do texto literário, a criança expressa suas percepções e seus sentimentos. No caso de obras que abordam temas sensíveis/fraturantes, como a morte e o abuso, por exemplo, é possível, inclusive, ocorrer a denúncia de alguma situação de vulnerabilidade e de violência. Isso se dá pelo fato de a leitura literária atuar sobre as emoções, despertando, inclusive, questões não conscientes até o momento da leitura e da partilha sobre o texto.

Nessa perspectiva da relação do leitor com o texto literário e tudo o que pode advir daí, vale aportar o que afirma Larrosa (2011) quando compreende a experiência como singular. No que respeita à leitura, todos os leitores podem ler o mesmo texto, mas a experiência de cada um é singular. Assim, todos leem o mesmo texto, mas também não leem o mesmo texto. Diante disso, a dimensão do alcance do texto sobre o leitor nos é indefinida e imensurável. Daí a importância da escuta sensível do professor, em especial quando da leitura de obras que abordam temas sensíveis/fraturantes.

Na seção seguinte, será realizada a análise das obras que compõem o *corpus* de análise deste breve estudo.

PELOS DESVÃOS DO LIVRO ILUSTRADO E DA REPRESENTAÇÃO DA MORTE

As obras literárias escolhidas para análise são *O passeio*², de Pablo Lugones e Alexandre Rampazzo, e *O guarda-chuva do vovô*³, de Carolina Moreyra e Odilon Moraes. Ambos os textos tratam da morte e do luto, de modo que se enquadram na categoria de temas sensíveis e/ou fraturantes. Além disso, as obras são livros ilustrados, tipo de obra definido por Linden (2018, p. 24) como: “obras em que a imagem é espacialmente preponderante em relação ao texto, que aliás pode estar ausente [é, então, chamado, no Brasil, de livro-imagem]. A narrativa se faz de maneira articulada entre texto e imagem”.

A primeira trata da passagem do tempo, do envelhecimento e, com isso, da morte, bem como a sucessão das gerações, sendo narrada pela protagonista. Tudo se dá em cenas de passeios de bicicleta de um pai com sua filha e, posteriormente, desta filha, já como mãe, com seu filho. O autor Pablo Lugones é argentino, radicado no Brasil e autor das obras literárias *10 Motivos Para Você Vir Logo Aqui Em Casa* e *Uma Nova Espécie de Dinossauro*. Alexandre Rampazo é artista gráfico, diretor de

² A obra recebeu os seguintes prêmios: Selo DISTINÇÃO Cátedra 10 de Leitura UNESCO 2017; Seleção Catálogo da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) para a Feira de Bolonha 2018; Selo Altamente Recomendável FNLIJ 2018 - Produção 2017; Vencedor do Prêmio Ofélia Fontes FNLIJ 2018 – Produção 2017, na categoria Criança; Seleção 30 Melhores Livros Infantis do Ano, Edição 2018 - revista CRESCER; Acervo Inicial - Educação Infantil - Prefeitura de São Paulo | Secretaria Municipal de Educação 2019; Programa MINHA BIBLIOTECA Prefeitura de São Paulo | Secretaria Municipal de Educação 2019, Acervo Bibliotecas Públicas Municipais de Santa Catarina 2019, Premio Fundación Cuatrogatos 2020 (da edição publicada em espanhol).

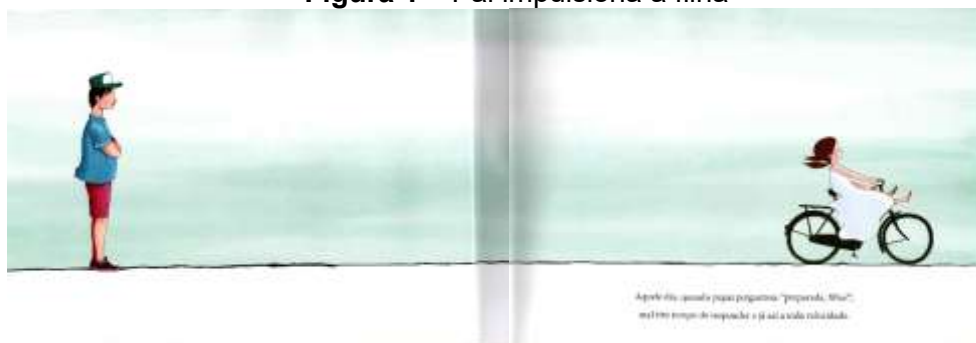
³ Vencedora do prêmio Jabuti de Ilustração.

arte e autor de livros ilustrados, como *Este é o lobo*, *A cor de Coraline* e *A menina e o vestido de sonhos*.

A segunda obra é narrada em primeira pessoa por uma menina que costuma ir à casa dos avós, sendo que ela não vê o avô, que é doente. Um dia, ela pode entrar no quarto e pergunta se o avô está encolhendo. Ela brinca com o guarda-chuva do vovô, o qual passa a ser dela quando ele falece, constituindo-se em um elo entre eles. A autoria é de Carolina Moreyra, que estudou cinema na London Film School, é autora de livros ilustrados, tendo recebido o Prêmio Jabuti por *Lá e aqui*. Já Odilon Moares é escritor e ilustrador, tendo ilustrado mais de cinquenta livros e recebido inúmeros prêmios como o Jabuti e o Prêmio Ofélia Fontes de Melhor Livro para Crianças, conferido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil pela obra *A Princesinha Medrosa*, o primeiro livro que escreveu e ilustrou.

A obra *O passeio* tem um projeto gráfico em que todas as ações ocorrem durante passeios de bicicleta, os quais são apresentados ao leitor em plano geral (mostra a personagem de corpo inteiro e em sua relação com o ambiente), de forma constante ao longo de toda narrativa, como se fosse uma câmera parada diante da qual ocorrem os fatos. Para isso, o formato da obra é retangular, a fim de engendrar o caminho pelo qual se dão os passeios. A narrativa inicia por duas cenas – uma em cada página – em que o jovem pai segura a bicicleta da filha enquanto ela pedala. Já na situação seguinte, a protagonista narra que o pai lhe perguntou - “Preparada, filha?” - e a empurrou em sua bicicleta, encorajando-a e impulsionando-a a aventurar-se (Figura 1).

Figura 1 – Pai impulsiona a filha

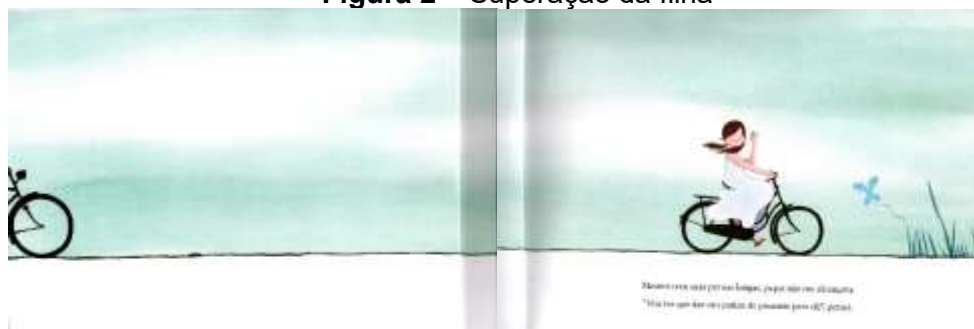


Fonte: Lugones e Rampazo (2017).

Para mostrar que conseguiu vencer a dificuldade e andar sozinha de bicicleta, a menina aparece em uma imagem que ocupa ambas as páginas andando sozinha, sendo que ali está pela primeira vez a borboleta azul, simbolizando a transformação

ocorrida na vida da menina e na de seu pai. E com o intuito de revelar que a menina já era uma ciclista hábil, a imagem seguinte, também ocupando duas páginas, mostra-a andando de bicicleta, olhando para trás e acenando para o pai, que não está na imagem, sendo que apenas aparece a roda da frente de sua *bike*. A protagonista afirma que ele não a alcança apesar de suas pernas longas (Figura 2).

Figura 2 – Superação da filha

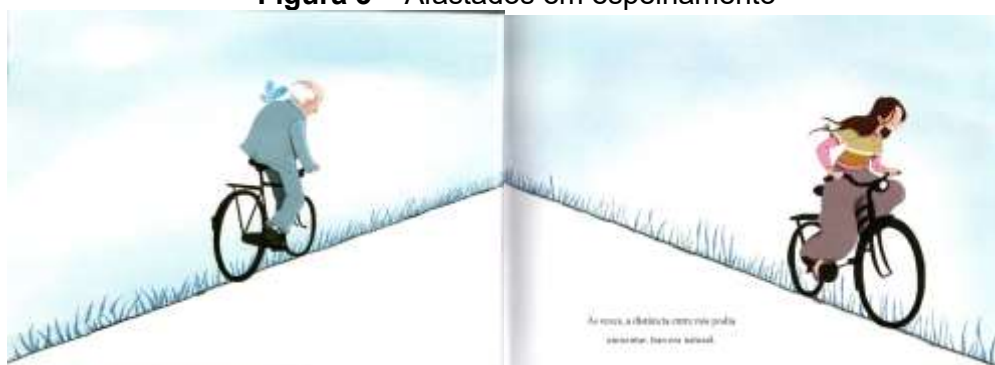


Fonte: Lugones e Rampazo (2017).

A sequência de imagens apresenta a relação entre pai e filha, quando ele a ultrapassa e ambos vão avançando na idade. Quando a protagonista afirma que foi em busca de novas experiências, a imagem mostra o terreno em auge com a menina na frente (sem medo de cair) e o pai, atrás, já com cabelos mais esbranquiçados. Tal passagem aponta para a necessidade de encontrar seu próprio caminho ao longo da vida, ter suas próprias experiências.

Quando a protagonista diz que os caminhos de pai e filha se afastam, a imagem joga com o espelhamento - em uma página o pai pedala em terreno em auge e na outra, a filha pedala em declive -, o que institui um efeito de contrariedade (Figura 3). E nessa imagem a borboleta está pousada nas costas do pai. O espelho mostra-nos sempre a imagem ao contrário.

Figura 3 – Afastados em espelhamento



Fonte: Lugones e Rampazo (2017).

E nas duas passagens seguintes, ambos seguem na mesma direção, uma vez ele à frente e, depois, lado a lado. Já na última vez que aparece, o pai veste preto e a borboleta senta-se em sua mão (Figura 4), elementos que indiciam sua morte.

Figura 4 – Prenúncio



Fonte: Lugones e Rampazo (2017).

O leitor percebe, então, a morte do pai quando, nas páginas seguintes, a menina já adulta pedala só durante a noite escura até que, parada, ela olha para trás e, depois, sentada no chão, olha para baixo em uma atitude que remete à tristeza e à introspecção, sendo que a bicicleta está parada ao lado (Figura 5).

Figura 5 – Luto e solidão



Fonte: Lugones e Rampazo (2017).

Após, surge novamente a borboleta, para a qual a protagonista olha e lembra da pergunta do pai: “E recordei aquela pergunta: `preparada, filha?’”. Então nos dois quadros seguintes, ela pedala com a luz da bicicleta iluminando o caminho noturno. No segundo, ela afirma: “Nem sempre se está preparada. De uma hora para a outra tudo pode mudar”. Nesse quadro, ela já está no canto da imagem (Figura 5), com a borboleta à frente, seguindo para uma nova situação, evidenciada na imagem seguinte, que traz novamente a luz do dia, sendo, por isso, clara.

Figura 5 – Esperança

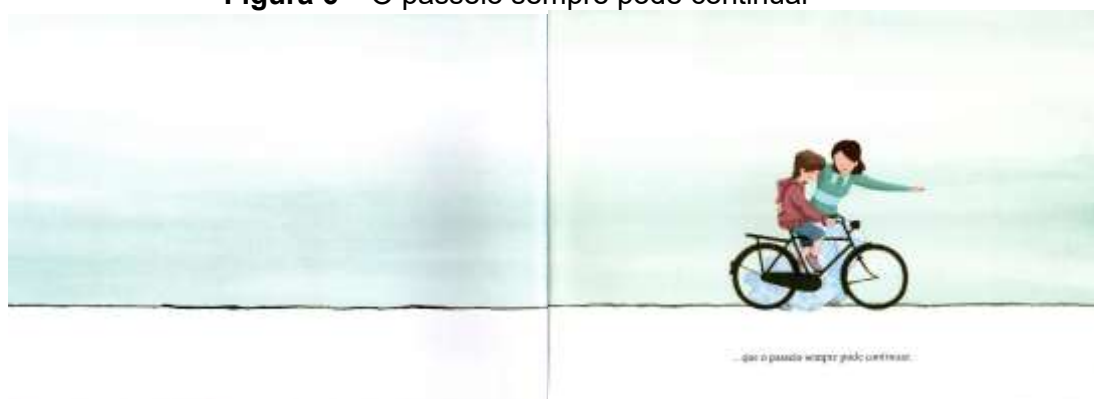


Fonte: Lugones e Rampazo (2017).

Importante destacar que a sequência de imagens noturnas, em que a protagonista está sozinha simboliza seu estado emocional, uma vez que o pai falece, remetendo, assim, ao luto e ao sentimento de solidão. Além disso, a morte simboliza o encerramento de um ciclo, o final de uma existência, sendo muitas vezes associada à noite, em sentido negativo. Noite como ausência de luz, como desalento, como falta de clareza.

Entretanto, o encerramento desse ciclo é sucedido pelo início de outro, expresso pelas cores claras na página, como antes da morte do pai, em que a protagonista, com mais idade, pedala em uma página, enquanto na seguinte o receptor vê apenas a roda traseira de outra bicicleta, acompanhada da borboleta, indiciando a presença de outra personagem. Essa personagem é uma criança, que - infere-se - é o filho da protagonista, a qual assume, então, o papel do pai e instiga o filho a andar de bicicleta com autonomia, na imagem seguinte. A protagonista explica: “mas quando a aventura parece chegar ao fim, as boas recordações vêm para lembrar... que o passeio sempre pode continuar” (Figura 6).

Figura 6 – O passeio sempre pode continuar



Fonte: Lugones e Rampazo (2017).

A obra, mediante a sequência de imagens, inscreve a sucessão dos fatos, a passagem do tempo e o novo ciclo estabelecido pela nova geração – o filho da protagonista. De forma bastante sutil e simbólica, a narrativa aborda a morte e o luto, anunciando, ainda, que há uma naturalidade nessa morte e que novas fases surgem na vida, a partir da circularidade narrativa: o pai embala a bicicleta da filha e a incentiva a andar sem auxílio, ato repetido pela protagonista quando no papel de mãe. Assim, de forma leve, a criança toma contato com essa questão dolorosa, percebendo que a vida é cíclica e que a morte, enfim, faz parte da vida.

A obra *O guarda-chuva do vovô*, por sua vez, também é um livro ilustrado e tem um projeto gráfico é bastante bem elaborado: ambas as orelhas da obra são estendidas, ou seja, são do tamanho das capas, bem como na cor preta. A primeira capa tem um recorte na forma de uma janela com vidraça e a silhueta de um guarda-chuva, antecipando, assim, elementos da narrativa (Figura 1). Por essa “janela”, o

leitor vê o pedaço de uma imagem do jardim, simulando a visão de dentro para fora da casa. Essa imagem do pátio está impressa na parte posterior da primeira orelha, que dobrada mostra-a na capa. O título em azul sobre o fundo preto, contextualizam o guarda-chuva. As informações técnicas sobre a obra encontram-se, por isso, na quarta capa, em branco sobre o fundo preto. E a técnica de ilustração é aquarela, o que deixa a narrativa bem leve.

Figura 7 – Primeira capa



Fonte: Moreyra e Moraes (2012).

A história é também narrada pela protagonista, que é uma menina pequena, o que é evidenciado por seu entendimento dos fatos. A narrativa inicia com a informação de que o vovô mora com a vovó e com a imagem de um quadro que retrata a casa dos avós e a menina brincando em frente. Assim, é contextualizada a imagem vista na capa, pois ela apresenta o pátio dessa casa.

Nas duas páginas seguintes, é apresentada a casa dos avós em um plano geral, remetendo também ao retrato e à página anterior (Figura 8), bem como a chegada da neta e de seu pai. No texto verbal, a menina explica que os avós moram longe e que ela os visita às vezes.

Figura 8 – Chegada à casa dos avós



Fonte: Moreyra e Moraes (2012).

Após, na parte interna da casa, a protagonista afirma que vovó faz bolo de chocolate, de que o vovô não gosta, conclusão a que ela chega já que, convidado para o café, ele não comparece. Na página seguinte, a menina espia pela veneziana da janela, a fim de vê-lo e conclui, então, que ele não gosta de bolo de chocolate. Observação própria de criança pequena que não está a par do que acontece de fato com os adultos.

Na página seguinte, a menina conta que o avô não gosta que ela brinque no jardim, junto à janela do quarto, nem que ela brinque com seu guarda-chuva (Figura 9). Repete-se, aqui, a mesma paisagem do pátio.

Figura 9 – Brincando com o guarda-chuva do vovô



Fonte: Moreyra e Moraes (2012).

Finalmente, a menina entra no quarto do avô e vê, então, que ele está acamado. Ela diz que o vovô está diferente e pergunta ao pai se ele estava

encolhendo – mais uma pergunta própria de criança pequena. Também se vê o guarda-chuva pendurado em um cabide. Diante do seu questionamento, o pai a manda sair, mas o avô sorri para ela. O enquadramento da imagem é mais próximo e na altura da menina (Figura 10).

Figura 10 – O sorriso do vovô



Fonte: Moreyra e Moraes (2012).

Na visita seguinte, a menina usa uma capa vermelha e afirma que o vovô não está em casa, o que evidencia que ela não compreendeu que o avô falecera. Novamente, o guarda-chuva está na imagem, em destaque ao centro. Ela, então, brinca no pátio junto à janela, a qual é aberta pela avó. Ela entra, assim, no quarto onde a vó está arrumando a cama em que tinha dormido o avô. Seu guarda-chuva não está mais no cabide. A menina pergunta se o avô ainda não chegou, ao que a vovó sorri e “sus olhos ficaram pequenininhos”.

Na hora de ir embora, chove, e a menina usa novamente a capa vermelha. A avó lhe dá, então, o guarda-chuva do avô, sem explicar que ele faleceu. Na página seguinte, ela diz que agora não é mais a casa do vovô, mas da vovó.

Nas últimas três imagens, chove ainda, e a menina afirma que ela fica feliz quando chove, porque sabe que o avô também está feliz. Aqui tem-se uma circularidade, pois no quarto dela há o quadro apresentado no início da narrativa e a menina estuda na cama com o guarda-chuva aberto.

Figura 11 – A neta e o guarda-chuva do vovô



Fonte: Moreyra e Moraes (2012).

Chama a atenção o emprego da cor azul em vários aspectos da obra: no título, na jarra de café, no carro e na camisa do pai da menina, em livros junto ao quadro, além das aberturas e de parte da parede externa da casa. A cor azul é fria e, simbolicamente, remete à pureza, à imaterialidade e ao imaginário (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998), podendo, assim, ser relacionada à morte, que desvanece e imaterializa. A ideia de pureza e de imaginário pode convergir para a neta, que não compreende a morte do avô de forma explícita, até porque não fora levada ao enterro, de modo que o leitor também a percebe pela sutileza com que a ausência e o luto são abordados.

Também nesta obra, a morte é tratada como algo natural no ciclo da vida, apesar da tristeza que se impõe. E a protagonista, como o menino em *O passeio*, representa a continuidade das gerações, sendo que os mais jovens levam consigo o legado dos que os antecederam, o que é simbolizado pelo guarda-chuva do vovô que ela herda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da leitura literária, o leitor pode aceder a culturas distintas; vivenciar, com o livro na mão, aventuras inimagináveis na vida real; colocar-se no lugar do outro e emocionar-se com os sofrimentos e as alegrias deste... Enfim, a ficção literária possibilita experimentar um sem-número de vivências e emoções. Com isso,

o leitor é perpassado pelo narrado e pode modificar-se, bem como perceber a si mesmo e ao meio em que vive a partir de outro ângulo.

Nesse sentido, a literatura assume também uma perspectiva formadora, na medida em que, em sua gratuidade, acaba por provocar no leitor questionamentos e percepções, talvez, não possíveis sem ela. De forma simbólica aborda, pois, temas difíceis e sensíveis, como a morte, o assédio, o abandono, entre outros. Assim, pela linguagem simbólica e por meio do imaginário, a literatura convida o leitor a perfazer o caminho narrativo e, com isso, desvelar sensações e sentimentos.

Isso é de suma importância na Educação Infantil e nos Anos Iniciais, tendo em vista que o texto narrativo coloca em ordem o caos de sentimentos, dando forma aos fatos narrados em uma relação de causa e consequência, junto a crianças ainda muito pequenas. Assim, por meio do contato com o texto literário, elas passam a compreender melhor o meio em que vivem e, por vezes, compartilham o que vivenciam em sua vida.

Por isso, abordar temas sensíveis de forma simbólica é uma forma de respeito a esse público leitor, considerando-o capaz de refletir e de se expressar acerca do que foi lido. Não há razão para querer “protegê-lo” dessa experiência, ainda mais porque a linguagem simbólica da literatura é muito mais segura do que uma abordagem realística.

E nessa esteira, as obras analisadas – *O passeio* e *O guarda-chuva do vovô* – apresentam uma abordagem do tema da morte e do luto de forma suave, sob o olhar das protagonistas. Na primeira, a filha narra sua relação com o pai durante os passeios de bicicleta – os quais simbolizam seu convívio da vida toda – até o falecimento deste, o que encerra um ciclo. Contudo, um novo ciclo se inicia com a protagonista no papel de mãe ensinando seu filho a andar de bicicleta. Em uma narrativa circular, a obra mostra a morte como parte da vida, como algo natural. Da mesma forma, a segunda obra também aborda a morte de forma naturalizada, como parte da vida, sob o olhar de uma menina, a qual herda o guarda-chuva do vovô, que simboliza o legado da geração mais velha.

Vale destacar que ambas as narrativas são livros ilustrados, ou seja, a imagem prevalece e, assim, aproxima o narrado dos leitores mirins (assim como dos adultos também), convidando-os a se embrenharem na história e, sem perigo, refletirem sobre a morte de forma leve, sensível e simbólica.

Assim, não há que se temer a leitura da literatura infantil que aborda temas sensíveis, ao contrário, constitui um ato de respeito e de dedicação às crianças.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas**. O valor da escuta nas práticas de leitura. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

CANDIDO, A. Direito à Literatura. In: CANDIDO, A. **Vários escritos**. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades, Ouro sobre Azul, 2004.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://seer.unisc.br/index.php/reflex/article/view/2444> Acesso em: 17 maio 2026.

LARROSA, Jorge. **Tremores**. Escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2018.

LUGONES, Pablo; RAMPAZO, Alexandre. **O passeio**. Blumenau: Gato Leitor, 2017.

MOREYRA, Carolina; MORAES, Odilon. **O guarda-chuva do vovô**. São Paulo: DCL, 2012.

PESSOA, Fernando. **O guardador de rebanhos e outros poemas**. São Paulo: Círculo do Livro, 1991.